

A ALFÂNDEGA DO PORTO
E O COMÉRCIO ENTRE A BARRA DO DOURO
E OS PORTOS RUSSOS DO BÁLTICO EM 1820

Por **Gonçalves Guimarães**

1 — **Antecedentes**

As relações comerciais entre Portugal e a Rússia, na segunda metade do século XVIII, enquadram-se facilmente no surto expansionista do comércio daquela época a que corresponde uma situação de grande prosperidade no nosso país que acaba quando se dá a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, após a celebração de um tratado com a Inglaterra em 1810. A partir desse ano a balança comercial portuguesa apresenta *um forte saldo negativo nas transacções com as nações estrangeiras* (Castro, 1979, 276).

Em 1780 saíram pela Barra do Douro para S. Petersburgo e Riga alguns *géneros do paiz*, como o vinho, o azeite e a cortiça, para além do açúcar, que aqui chegava vindo do Brasil, bem assim como a própria aguardente, que pressupomos ser de *cana* e não *vínica* (Tavares, 1978, 263 e segs.). Como iremos constatar, alguns destes géneros, como o vinho e a cortiça, farão parte do lote das nossas exportações habituais para aqueles portos ainda em 1820.

Em 1788 este comércio afigurava-se negativo para a Alfândega do Porto. Porém, acreditava-se que a Rússia podia... *em breve tempo fazer um comércio recíproco se, à proporção do gosto com que vai recebendo*

os vinhos e outros frutos do Alto-Douro... forem crescendo anualmente as remessas (Costa, 1788, 244). O Padre Agostinho Rebelo da Costa, sugeria mesmo que esse comércio poderia passar a ser *activo*, isto é positivo para Portugal, se fossem aproveitadas as... *imensas terras baldias do Brasil, tão dispostas para a produção de todas as qualidades de linho* (idem, ibidem, 245), o que efectivamente não veio a acontecer e assim o linho, que tinha já um enorme peso no conjunto das nossas importações, será um produto sempre presente em todas as cargas marítimas vindas do Báltico.

O gosto com que a Rússia recebia os vinhos portugueses, não só do Porto mas também da Madeira, não era regular, pese embora o facto de que *as relações entre os dois países decorriam, aliás, na melhor harmonia, seladas até à data por três significativos tratados, o último dos quais havia sido assinado no ano anterior* (tratado de Navegação e Comércio) ao da assinatura do tratado da aliança defensiva entre Portugal e a Rússia a 18 de Setembro de 1799 (Brandão, 1985, 32).

A própria Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro envia navios seus, ou por si fretados, aos portos russos do Báltico entre 1788 e 1795, mas que são apenas uma pequena quantidade no conjunto dos restantes destinos: num total de 406 navios que saíram pela Barra do Douro no período entre 1786 e 1799, apenas 8 demandaram a Rússia, ou seja cerca de 2%, (Ferreira, 1983, 55 e segs). Tal como acontecera anteriormente, a partir de 1796 a exportação de Vinho do Porto para a Rússia passa a ser feita através dos navios das várias nacionalidades que demandavam esta barra, sobretudo ingleses, que *compensavam a inexistência de produtos pesados para carregar para o Báltico transportando cereais para Portugal, para daí levarem sal para Riga e S. Petersburgo e regressarem desses portos com cânhamo, linho ou ferro, entregando-se assim a um comércio triangular* (Bergeron, 1983, vol. III, Tomo I, 108).

A Rússia importou entre 1795 e 1799, 1350 pipas e $\frac{1}{4}$ de Vinho do Porto (pipas de 500 litros) sendo nessa época o quinto importador deste produto, logo atrás da Inglaterra, da Suécia, da América e de Hamburgo (Ferreira, 1983, 53).

2 — A FOLHA MERCANTIL da Cidade do Porto no ano da Revolução de 1820

Com o Rei e a Corte no Brasil desde as invasões francesas, o comércio português estava verdadeiramente em situação desastrosa, sobretudo — e como já referimos — após o tratado de comércio anglo-

-português de 19 de Fevereiro de 1810, que estabelecia, entre outros *items*, que *todos os géneros, mercadorias e artigos, quaisquer que sejam, da produção, manufactura, indústria ou invenção dos domínios e vasallos de sua Majestade Britânica... pagando geral e unicamente direitos de quinze por cento, conforme o valor que lhes for estabelecido pela pauta... E a sobredita pauta ou tábua das avaliações se fará e promulgará em cada um dos portos pertencentes a Sua Alteza Real o Príncipe Regente de Portugal, em que hajam ou possam haver Alfândegas* (citado por Castro, 1983, 271).

Esta pauta, publicada na *Folha Mercantil da Cidade do Porto que saía às terças e sábados, com permissão de Sua Majestade*, era então designada como *Preços correntes dos géneros em grosso* e forneceu-nos valiosos dados para este nosso breve estudo sobre as relações comerciais entre Portugal e a Rússia no ano da Revolução de 1820.

Escolhemos este ano por ser o da revolução organizada por homens intimamente ligados aos problemas do comércio externo, em especial ao do Vinho do Porto, já nessa época armazenado exclusivamente em Vila Nova de Gaia, então administrada pela Cidade do Porto. Desde 1777 que aqui se tinham estabelecido a quase totalidade dos armazéns dos exportadores, após o bispo do Porto, aproveitando o afastamento do Marquês de Pombal, ter posto em tribunal a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto-Douro e, por analogia casuística, todos os negociantes de vinho, reivindicando direitos que lhe diziam pertencer desde o século XII! (Guimarães, 1987, 147).

José Ferreira Borges, um dos fundadores do Sinédrio, a sociedade secreta que organiza a Revolução, tinha sido até 1819 o advogado de António Bernardo Ferreira (I), o António Ferreira *Velho* que aparece como importador de linho e estopa da Rússia carregados na galera *Ida Margaretha*, chegada a 15 de Agosto de 1820 de Pernau. Por sua vez, a 13 de Agosto desse mesmo ano e na galeota *Noutegedagt* exporta vinho para S. Petersburgo (Doc. 1 e 3). Esse vinho era consignado ao ministro português na corte russa, precisamente Joaquim Ferreira Borges, irmão do causídico revolucionário. António Bernardo possuía enormes armazéns em Vila Nova de Gaia, onde armazenava muito do vinho que produzia nas suas Quintas do Douro (*Os Ferreiras da Régua*, cap. III). Adere de imediato à Revolução, mantendo-se a par dos acontecimentos. Mas é mesmo provável que a sua amizade com Ferreira Borges o levasse a participar nos movimentos que procuravam desonerar os vinhos portugueses face à concorrência do comércio britânico (Doc. 2).

A primeira notícia publicada na *Folha Mercantil* alusiva à Revolução pensamos que, na sua simplicidade, é deveras significativa: a 6 de Setembro é lançada à água *com felicidade* uma galera de 250 toneladas cons-

truída nos estaleiros de Vila Nova de Gaia. Tendo nascido com o nome *Oceano*, passou então a denominar-se *Constituição*. Porém, a nível legislativo, só a 21 de Outubro é publicada a primeira *Portaria* emanada da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, isto é, da Junta revolucionária, que mandava suspender o parágrafo 4.º do Alvará de 30 de Maio de 1820 que onerava em espécie a importação de cereais estrangeiros.

Entretanto ao longo deste ano de 1820 foram chegando ao conhecimento dos comerciantes da praça do Porto várias disposições legislativas nacionais e mesmo estrangeiras, que lhes condicionam o trato comercial. Assim é que, vindo da longínqua corte de D. João VI lá no Rio de Janeiro, é publicado a 8 de Fevereiro um *Aviso* que autorizava a entrada em Portugal de *Trigo rijo Estrangeiro* a partir de 1 de Abril. A 12 de Fevereiro a *Folha Mercantil* publica a *Notícia* de que o Rei de Espanha tinha autorizado a livre exportação de Azeite, Farinha, Grãos e Legumes. Porém logo a 15 do mesmo mês a *Folha Mercantil* recorda a Provisão do Conselho da Fazenda de 7 de Agosto de 1819 que, por sua vez, recorda o Decreto de 23 de Abril de 1784 que proibia a entrada em Portugal de farinhas produzidas em países estrangeiros. A 18 de Março é publicada uma *Provisão* régia que onera a importação de favas *estrangeiras* que vinha prejudicando a venda das nacionais. A 25 de Março é publicada uma outra *Provisão* régia enviada ao Superintendente das Alfândegas da Cidade do Porto que proíbe a entrada de *Trigo rijo e Milho Estrangeiro*, autorizada pelo *Aviso* publicado a 8 de Fevereiro. Como os *Seleiros* (sic) *das Províncias* estavam cheios e o *trigo rijo* importado fazia com que os *Artistas, e officiaes mecanicos, que por isso andão mendigando o sustento necessário; tendo huns dos segundos arruinados já, abandonando a lavoura, e estando outros sem meios para as sementeiras serodias, que são as que mais abastecem esta capital* (Lisboa)... (*Folha Mercantil*... n.º 25 — 1820), Sua Majestade tinha assim voltado a proibir o que ainda há bem pouco autorizara.

A 2 de Maio uma outra *Provisão* dispensa, até ao fim de Agosto deste ano, que os Capitães dos navios estrangeiros tenham os documentos de carga em ordem, conforme determinava a legislação anterior. A 6 de Maio são onerados na alfândega do Porto as *Farinhas e Feijões estrangeiros* bem assim como *todos os Legumes em geral, incluindo Favas e Ervilhas Secas*, a favor das estradas e pontes. Porém logo a 16 de Maio uma outra *Provisão* desonera os *Legumes em geral* pelo que a *Provisão* anterior volta a ser apenas válida para as *Farinhas e os Feijões*.

A 20 de Maio, é publicado um *Edital* do Conselho da Real Fazenda, que alerta as alfândegas para a introdução nos nossos portos de fazendas de França como sendo de manufactura inglesa, beneficiando assim indevidamente do tratado anglo-luso de 19 de Fevereiro de 1810. A 24 de

Junho é dado a conhecer um *Edital* publicado na Suécia que onera as lãs portuguesas nas alfândegas daquele país.

A 11 de Julho um *Edital* da Real Junta de Comércio informa os proprietários de navios portugueses que desde 1812, não obstante a Convenção entre o governo britânico e o português, tinham pago no porto de Bristol como os restantes navios estrangeiros, que podiam dirigir-se ao nosso consul naquela cidade para tentarem receber o reembolso.

A 8 de Agosto é publicada uma *Portaria* que manda aplicar na *Praça do Porto* a regulamentação de 2 de Julho de 1807 sobre a Matricula dos Barcos que querem sair deste porto.

A 27 de Outubro é publicado um *Decreto* real emitido no Rio de Janeiro a 3 de Agosto que determina que no Reino do Brasil não se cobrem direitos sobre as ferragens fabricadas em Portugal. E também uma *Portaria* da nova Junta que simplifica as formalidades da entrada nos nossos portos dos navios estrangeiros, suspendendo alguns parágrafos do Alvará de 25 de Abril de 1818.

A última legislação publicada neste ano pela *Folha Mercantil*, ocorre a 25 de Novembro e trata-se de várias medidas que as cortes espanholas tinham então aprovado para protegerem a produção nacional face às importações de algodão, couros, ferragens e bacalhau.

Perante este panorama legislativo, fácil se torna verificar que os produtos importados da Rússia não tinham quaisquer condicionalismos alfandegários, com excepção dos cereais. Porém a sua importação contribuía para o aumento de desequilíbrio da nossa balança comercial, que a exportação dos vinhos raramente conseguia equilibrar.

3 — As relações comerciais da Barra do Douro com a Rússia

3.1. As importações

Observando os Quadros I e II imediatamente nos damos conta de que a Barra do Douro importava muito mais mercadorias dos portos russos do Báltico do que aquelas que para lá enviava, mesmo considerando que se trata de mercadorias substancialmente diferentes e com preços também diferentes.

Infelizmente a fonte que utilizamos (a *Folha Mercantil da Cidade do Porto*) não nos dá as quantidades nem os preços das mercadorias que chegavam ou partiam. Mas verificamos de imediato que no Rio Douro carregaram 47 navios com destino aos portos russos ao longo de todo o ano enquanto que, daquelas paragens, apenas nos chegaram uns escassos 14. Dos primeiros, apenas um é russo, o navio Pomona, chegado a 20 de

Outubro. Os restantes são: 25 dinamarqueses, 5 hanoverianos, 5 suecos, 5 ingleses e 4 holandeses, num total de 23 bergantins, 15 galeotas, 4 galeras, 3 chalupas e 2 escunas. Pelo menos nesta data o comércio de importação da Rússia privilegiava os navios dinamarqueses, que às vezes formavam frotas de 7 embarcações, como aquela que chegou ao Douro no dia 15 de Agosto, dia da Senhora do Pilar no Convento da Serra. São efectivamente os meses de Verão os preferidos para a chegada do Báltico, após viagens que duravam entre 28 e 77 dias, conforme eram directas, isto é, sem escala, ou demoradas pelo tempo de atracação no porto de Elsenaur, local de paragem quase obrigatório para os navios provenientes do Báltico. Após descarregarem as suas mercadorias nos cais controlados pela Alfândega do Porto, estes navios seguiam de novo para outros portos do norte ao longo da sua rota, com produtos portugueses e coloniais, os mesmos que afinal se carregavam para a Rússia.

Os navios que demandavam a Barra do Douro vinham essencialmente de Pernau (Pärnu), S. Petersburgo, Memel (Klaipeda) e Riga e raramente de Libau (Liepaia). Quase todos os navios traziam carregamentos de linho, o produto por excelência que Portugal nesta data importava da Rússia: seguia-se a estopa e as aduelas e, com muito menor expressão, o cânhamo, o cebo em velas, o ferro, as lonas, madeira, peles, taboado, ou ainda o centeio e o trigo.

Tal como acontece com o Vinho do Porto que, embora produzido no Douro e envelhecido em Vila Nova de Gaia, é conhecido pelo nome da cidade onde se localizava a alfândega que controlava a sua exportação, também o linho dito de Riga, de S. Petersburgo ou de Libau, era na realidade produzido em Vologda, Viazniki e Jaroslave (Bergeron, 1983 I, 38), mas comercializado com o nome das alfândegas dos portos por onde era exportado. O mesmo se pode dizer do cânhamo dito de Riga, que na verdade era produzido em Kaluga e Borovsk (idem, idem).

Curiosamente a tabela publicada na *Folha Mercantil* não refere o linho de Narva, tão famoso nos finais do século XVIII (Bergeron, 1983 I, 108), a não ser que sejam os *Brins* sem denominação de origem, como aliás outros produtos ali referidos.

Ao longo do ano de 1820 pode verificar-se como os linhos da Rússia são procurados, analisando os comentários impressos na fonte de consulta. No princípio do ano havia falta do de Pernau. Em Fevereiro, o de Memel e S. Petersburgo eram vendidos um pouco abaixo da tabela. Com a chegada de abundantes carregamentos em Março o preço desce mais, mas vende-se bem na Rua Nova dos Ingleses, na firma Page & Noble e na Reboleira, na Casa de Nicolau Kopke & Comp. (Quadro III). Num leilão no cais da Biquinha ninguém arremata os lotes pelo preço proposto pois a abundância fazia os preços baixarem. Em Maio há falta de linho de

algumas qualidades e os preços aumentam. Chega mesmo a vender-se linho de Konisberg (Kaliningrad) e de Embden (Alemanha Ocidental), a preços altos. Em Junho chega mais linho de Memel e de Riga das qualidades menos cotadas, mas não há vendas por grosso. Em Julho continuam a chegar mais carregamentos de Pernau e de Riga, algum do qual com *avaria*, isto é, com defeito, talvez ocasionado pela água do mar; mesmo assim este linho é leiloado. Em Agosto o linho de Pernau apresenta os preços mais competitivos e é mesmo o mais vendável, aspecto que se vai manter até ao fim do ano, até porque por inícios de Novembro diminuem as quantidades de linho desembarcado.

Quanto ao cânhamo, o maior vendedor parece ser efectivamente David Bull, com sede na Rua Nova dos Ingleses. Era um produto que se vendia bem, muitas vezes acima da tabela.

Sobre as lonas, as notícias do princípio do ano são de vendas favoráveis. A 5 de Dezembro realizou-se uma arrematação de lonas *avariadas*.

Quanto aos preços do Centeio e do Trigo as notícias são sempre de boas vendas, excepto quando a qualidade de trigo diminui em Junho, mas mantendo-se sempre acima do preço do trigo nacional, o que está de acordo com as medidas legislativas tomadas ao longo do ano.

Analisando o Quadro IV, poderemos ter uma ideia da flutuação anual dos preços dos diversos produtos importados da Rússia que, naturalmente, têm uma evidente relação com o movimento de entrada de barcos (Quadro I).

Os maiores importadores de produtos russos eram os Van Zellers, que possuíam desde o século XVIII uma grande casa com extensos armazéns junto à praia de Vila Nova de Gaia (actual Casa Ramos-Pinto); segue-se-lhes a firma Diederich M. Feuerbeerd & Comp., com interesses nos seguros marítimos (ver Doc. 3).

A seguir e por ordem de importância, algumas firmas portuguesas, como Maya & Comp.^a, Jeronymo Carneiro Giraldes e Viuva Souto Freitas & Filhos, para além de outras que, não obstante terem ficado mais conhecidas como exportadores de Vinho do Porto, como os Burmester ou Kopke, negociavam também noutros géneros. António Bernardo Ferreira cremos que poderá ser, nesta data, o único caso de um produtor-exportador de Vinho, cuja firma se dedicava também à importação de linho, estopa e cebo em velas (cf. Guimarães, 1989).

3.2. As exportações

Como já dissemos, durante o ano de 1820 partem da Barra do Douro

com destino aos portos russos do Báltico apenas 14 navios, sendo: 5 ingleses, 2 hanoverianos, 2 dinamarqueses, 2 holandeses, 1 sueco, 1 prussiano e 1 lubequez, num total de 6 bergantins, 6 galeras e 2 chalupas, quase todos com destino a S. Petersburgo e apenas um com destino a Riga. Convém aqui referir que, não obstante a maioria dos navios não ter sempre a mesma rota, encontramos alguns que, pelo menos neste caso, só faziam o trajecto entre a Barra do Douro e os portos do Báltico: é o caso do bergantim *Albuera*, que tendo zarpado a 20 de Abril para S. Petersburgo, entra de novo na Barra do Douro a 13 de Outubro; ou da galeota *Hieronimus*, que tendo partido a 28 de Maio, regressa a 17 de Novembro; a chalupa *Cecília*, que chegara a 27 de Junho e parte logo a 17 de Julho; a galera *Noutegedagt* chegada a 15 de Julho parte a 13 de Agosto; mas o navio *Poseiden*, chegado a 11 de Julho só parte para S. Petersburgo a 5 de Novembro, tendo entretanto feito uma viagem a Génova, para onde partiu a 29 de Agosto com açúcar, couros, cacau e algodão. Ou ainda o bergantim *Orion*, que sai a 22 de Julho e regressa em Dezembro, mas não consegue entrar a barra devido ao mau tempo¹. Aliás os perigos da barra do Douro estão bem expressos na *Folha Mercantil* ao longo do ano: para além de muitas vezes os navios terem de pairar ao largo, à espera da bonança, ou de demandar outro porto mais seguro, como Viana, Vigo ou Figueira da Foz, temos ainda a registar uma das habituais grandes enchentes do Douro, ocorrida em fins de Janeiro, de tal modo forte que motivou a retirada da Ponte das Barcas. A 12 de Novembro é um barco que saía com linho para o Rio de Janeiro que encalha no Cabedelo, só conseguindo livrar-se com a maré cheia.

Como já deixamos antever durante o ano considerado, não saiu da Barra do Douro nenhum navio russo, nem tão pouco portugueses, com destino aos portos do Báltico. Os navios portugueses praticamente só tomavam a rota do Brasil, raramente da Galiza e muito menos vezes outros portos europeus como Amsterdão ou Bordéus, para além da necessária cabotagem. Verificamos pois que são os ingleses que detêm o grosso das nossas exportações para a Rússia, situação que aliás exploravam habilmente desde a derrota dos exércitos napoleónicos, quer em Portugal

¹ Temos dúvidas de que a galera Holandesa DE UROW GESINA, entrada a 25 de Julho seja a mesma galera que tem o mesmo nome, mas entrada a 19 de Novembro. É que, no primeiro caso, a *Folha Mercantil* dá-lhe como capitão Jan Remkes Sap e no segundo Egbert Jans Dik. Mas mais do que isso, a embarcação de Julho tem 80 toneladas e a de Novembro 120, isto além de haver outros casos de embarcações com o mesmo nome e com a mesma bandeira e até entradas no mesmo dia na Barra do Douro: é o caso dos bergantins dinamarqueses ambos chamados ANNA CHRISTINA entrados a 15 de Agosto de 1820 em que o primeiro mencionado tem 130 toneladas e como capitão Hans Christian Hanssen e o segundo 150 toneladas e como capitão Nicolau Halman.

(1810), quer na Rússia (1812). Verificamos igualmente que são os meses de Verão os preferidos para estas viagens.

Para a Rússia, e recapitulando, Portugal exportava *gêneros do paiz*, como Fruta, Cortiça e sobretudo Vinho, além de *gêneros* do Brasil como o açúcar (da Baía, de Pernambuco, do Rio ou de Santos) ou o cacau (do Pará). Cremos que a Fruta não era apenas *a fresca*, mas sobretudo os frutos secos ou escarchados, provenientes do Douro.

Quanto aos exportadores, para além do já referido António Bernardo Ferreira, que não só exportava vinho, mas também açúcar para S. Petersburgo, temos ainda algumas outras firmas, num total de 12, das quais muito poucas chegaram aos nossos dias, ao contrário de algumas das 22 que se dedicavam à importação (Quadros III e V).

O Vinho do Porto, então ainda chamado *vinho de Feitoria* e *vinho de embarque*, sem que estas denominações sejam sinónimas, era o nosso produto de exportação por excelência. Em 1819 a Alfândega do Porto tinha enviado para a Rússia apenas 1 pipa e 8 pipas e $\frac{3}{4}$ para Memel, num total de 19.562 pipas e $\frac{1}{4}$ exportadas (*Folha Mercantil n.º 2 — 1820*) o que é efectivamente muito pouco. Porém e pelos documentos que aqui publicamos, o ano de 1820 conheceu uma maior exportação de *vinho de embarque* para aquelas paragens, cujos preços estavam tabelados a 13 de Março-vinhos de 1819 — a pagar no Douro 36\$000 reis a pipa o de primeira qualidade e 30\$000 reis a pipa o de segunda, enquanto que o *vinho de Feitoria*, da colheita de 1818, já se tabelava a 18 de Março entre 125\$000 a 130\$000 reis a pipa (*Folha Mercantil n.º 23 — 1820*).

Atendendo a estes preços podemos situar a cotação do *vinho de embarque* neste ano para a Rússia, ao preço de 100\$000 reis/pipa, preço esse próximo do tabelado oficialmente e pagando os mesmos direitos que o *vinho de Feitoria* (Doc. 1).

4 — Conclusão

Em 1819 a Barra do Douro apenas viu entrar 1 embarcação *russiana* e sair duas, num total, respectivamente, de 721 embarcações entradas e 748 saídas (*Folha Mercantil n.º 8 — 1820*), praticamente o mesmo panorama do ano da revolução constitucional que levou ao poder uma burguesia comerciante que se sentia espartilhada por leis obsoletas que já nada tinham a ver com a realidade, emanadas da Corte ausente no Reino do Brasil, onde as mercadorias inglesas pagavam 15% de direitos e as portuguesas 16%. Porém após o triunfo constitucional e enquanto o rei não chegava e reunia as Cortes, a cidade do Porto aplaudia no teatro S. João a peça de teatro *O Comércio Reanimado* (Saraiva, 1983, 395).

Sabemos que depois de 1820 e ao longo de todo o século XIX as relações comerciais entre a Barra do Douro e os portos russos do Báltico conheceram melhores dias. Porém, aqui apenas quisemos trazer esta amostragem como ponto de referência, num ano particularmente importante para Portugal. Anos depois, o seu embaixador na corte de S. Petersburgo era um homem ligado ao comércio do Vinho do Porto armazenado e exportado da zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia: Joaquim Ferreira Borges, irmão do mentor da revolução de 1820.

BIBLIOGRAFIA

BERGERON, Louis (direcção de) — *Inércias e Revoluções — 1730-1840*, in *História Económica e Social do Mundo*, vol. III, Tomo I e II; Sá da Costa Editora, Lisboa, 1983.

BRANDÃO, Fernando M. O. de Castro — *A Política Externa Portuguesa e a Aliança Defensiva de 1799 com a Rússia*, Europress, Odivelas, 1985.

CASTRO, Armando de — *Balança Comercial Portuguesa*, in *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, 1979.

— *A vida económica portuguesa do alvorecer do século de oitocentos à revolução liberal de 1820*, in *História de Portugal*, direcção de José Hermano Saraiva, vol. 5, Lisboa, 1983.

COSTA, Agostinho Rebelo da — *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, Porto, 1788; 2.^a edição, edições Progredior, Vila Nova de Gaia, 1945.

FERREIRA, J. A. Pinto — *A Economia do Vinho e o Crescimento do Porto, nos séculos XVII ao XIX*; Academia Portuguesa da História/Fundação Eng.^o António de Almeida, Porto, 1983.

GUIMARÃES, Gonçalves — *O comércio dos vinhos de ribadouro e o desenvolvimento medieval e moderno de Vila Nova de Gaia*, in *Gaya*, vol. V; G.H.A.V.N.G., Vila Nova de Gaia, 1987.

— *Um Português em Londres — Cartas de J. M. Virginiano correspondente dos Ferreiras da Régua, no período pós-napoleónico*; edição bilingue,

com versão inglesa de Manuel Gomes Torre e Rui Car-valho Homem; A. A. Ferreira, SA — Arquivo Histórico, Vila Nova de Gaia, 1988.

HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL DO MUNDO — direcção de Pierre Léon; Sá da Costa Editora, Lisboa 1983.

HISTÓRIA DE PORTUGAL — direcção de José Hermano Saraiva; Publicações Alfa, Lisboa, 1983.

SARAIVA, José Hermano — *A Revolução de 1820*, in *História de Portugal*, vol. 5.º, direcção de J. H. Saraiva, Publicações Alfa, Lisboa, 1983.

TAVARES, Albérico Mendonça — *O Movimento Comercial da Barra do Douro no ano de 1780*, in *Gaya*, vol. V; G. H.A.V.N.G., Vila Nova de Gaia, 1987.

Dactiloscritos

FERREIRAS DA RÉGUA (OS) — atribuído a José de Lima; A. A. Ferreira S. A. — Arquivo Histórico, Vila Nova de Gaia, sem data.

Periódicos

Folha Mercantil da Cidade do Porto — Ano de 1820; A. A. Ferreira SA — Arquivo Histórico (Colecções Hunt & Roop), Vila Nova de Gaia.

Manuscritos

Doc. 1 — Carta de Bento Alexandre de Oliveira Dias para António Bernardo Ferreira, 2 de Agosto de 1820 (cópia).

Doc. 2 — idem, idem, idem (particular).

Doc. 3 — Conta do seguro de embarque de Vinho do Porto para a Rússia, 1 de Setembro de 1820 (cópia).

A. A. Ferreira SA — Arquivo Histórico, Vila Nova de Gaia.

Nota final: queremos agradecer a colaboração que nos foi prestada para a elaboração deste trabalho por D.ª Maria Luiza de Olazabal, do Arquivo Histórico A. A. Ferreira SA, que nos revelou a documentação inédita aqui publicada, bem assim como D.ª Margarida Cunha, que transcreveu as fontes utilizadas e Amélia Sousa que dactilografou o texto final.

QUADRO I
NAVIOS E CARGAS PROVENIENTES DA RÚSSIA
ENTRADOS NA BARRA DO DOURO EM 1820

Més	Dia	Navio	Tipo	Pavilhão	Proveniência				Géneros e mantimentos																													
					Memel	Libau	Riga	S. Petersburgo	Aduela	Canhamo	Cébo em velas	Estopa	Ferro	Linha	Lonas	Madeira	Peles	Taboado	Centelo	Trigo																		
	19	Anna Margaretha	B	»																																		
	24	Kiobenhaun	Gl	»																																		
	24	Magdalena	B	»																																		
	25	Anna Catharina	B	Sueco	X																																	
	25	Der Junge Johann	Gl	Dinam.																																		
	25	Die Neve Hoffnung	B	»							X																											
	27	Charlotte	Gl	»	X																																	
	27	Maria Sophia	B	»																																		
	31	Sina Ferdinanda	Gl	»																																		
Set.	7	Aventura	Gl	»																																		
	12	Enigheden	B	»																																		
	14	Generous Friends	B	Inglês																																		
Out.	6	Hero	B	»																																		
	13	Albuera	B	»																																		
	20	Pomona	B	Russia																																		
	17	Vénus	B	Sueco																																		
Nov.	17	Hierominus	Gl	Hanov.																																		
	17	Anna Margarete	E	»																																		
	19	De Urouw Gezina	Gl	Holand.	X																																	
	19	Alfe	Gl	Hamburg.																																		

Legenda: B — Bergantim; Gl — Chalupa; E — Escuna; G — Galeota; G — Galeota
Fonte: *Folha Mercantil da cidade do Porto — 1820*

QUADRO II
NAVIOS E CARGAS COM DESTINO À RÚSSIA
SAÍDOS PELA BARRA DO DOURO EM 1820

Mês	Dia	Navio	Tipo	Pavilhão	Dest.		Géneros					
					Riga	S. Petersburgo	Açúcar	Cacau	Cortiça	Fruta	Vinho	
Mar.	26	Brothers	B	Inglês		x	x			x		x
Abr.	20	Albuera	B	»		x	x			x		x
Mai.	16	Transfer	B	»		x	x	x		x		x
	19	Hannah	B	»		x	x			x		x
	28	Hieronimus	GI	Hanov.		x	x			x		x
Jul.	19	Cecília	CI	Dinam.		x				x		x
	21	De Jonge Martha	GI	Holand.		x				x		x
	22	Orion	B	Inglês		x	x					x
Ago.	5	Fortuna	GI	Sueco		x	x			x		x
	13	Noutegedagt	GI	Holand.			x	x				x
	13	Sophia Maria	GI	Prussia		x	x					x
	19	Redlichkeit	B	Lubeque	x					x		x
Set.	2	De Urouw Hilke	GI	Hanov.		x	x					
Nov.	5	Poseiden	CI	Dinam.		x				x		x

Legenda: Bergantim; CI — Chalupa; GI — Gaiçota

Fonte: *Folha Mercantil da cidade do Porto* — 1820

QUADRO III
IMPORTADORES DA PRAÇA DO PORTO
DE GÉNEROS PROVENIENTES DA RÚSSIA EM 1820

Importadores	Consignações												
		Aduela	Canhamo	Cebo em vela	Estopa	Ferro	Linho	Lonas	Madeira	Peles	Taboado	Centeio	Trigo
A. & F. Van Zeller	6	x	x				x	x		x			
António Ferreira Velho	2			x	x		x	x					
António Francisco Guimarães & Comp.	1						x	x					
António Ribeiro Braga	1						x	x					x
Burmester & Comp.	1						x	x					
Daniel Bull	2		x				x	x					
Diederich M. Feuerheerd & Comp.	4	x			x		x	x					
Domingos Francisco Pinto Reis	1						x	x		x			
Gabriel da Costa Carvalho e Filho	1						x	x			x		
Jeronymo Carneiro Giraldes	3	x					x	x					
John Jorge Junior	1		x				x	x	x				
José Francisco da Silva Guimarães	2				x		x	x	x				
José Pinto dos Reis	1						x	x					x
Maya & Comp.	4				x	x							
Miguel António Malheiro	1				x		x	x					
Miguel José Gonçalves	1						x	x					
Nicolau Kopke & Comp. (& Filho)	2		x		x		x	x	x				
O'Neill, Morice & Comp.	1						x	x					
Page & Noble	1						x	x					
Serafim Carneiro Giraldes	1						x	x					
Van Zellers & Comp.	5	x					x	x					
Viúva Souto Freitas & Filhos	3		x		x		x	x			x		
Capitão do barco	2						x	x					

Legenda: *Folha Mercantil da cidade do Porto — 1820*

QUADRO IV
VARIAÇÃO DOS PREÇOS DOS GÉNEROS E MANTIMENTOS
IMPORTADOS DA RÚSSIA NA TABELA
PUBLICADA NA FOLHA MERCANTIL DA CIDADE DO PORTO EM 1820

Géneros	1.º Trim.	2.º Trim.	3.º Trim.	4.º Trim.
Brins	x x x	x x x	x x x	x x x
Canhamo de S. Petersbourg pr.	x x x	x + +	+ + +	+ + +
» » » 2.3.	x x x	x + +	+ + +	+ + +
Canhamo de Riga pr.	x x x	x + +	+ + +	+ + +
» » » 2.3.	x x x	x + +	+ + +	+ + +
Cera em velas	x x x	x x x	x x 0	0 0 0
Enxarcia	x x x	x x x	x x x	x x x
Estopa de Canhamo de S. Petersburgo	x x x	x x x	x x x	x x x
» » » » Riga	x x x	x x x	x x x	x x x
Ferro, sortido	x x x	x x x	x x x	x x x
Linho de Libau 4 marc.	x —	—	—	—
» » » 3 »	x —	—	—	—
» » Memel 4 »	x —	—	—	—
» » » 3 »	x —	—	—	—
» » Pernau M »	x x —	—	—	—
» » » G	x x —	—	—	—
» » » R	x x —	—	—	—
» » » HD	x x —	—	—	—
» » » D	x x —	—	—	—
» » S. Petersb. 12 cab.	x x —	—	—	— x x
» » » 9 »	x x —	—	—	— x x
» » » 6 »	x x —	—	—	— x x
» » Riga Peito de Dama M	x x —	— x	x x x	— — —
» » » » » MG	x x —	— x	x x x	— — —
» » » Focinho DR	x x —	— x	x x x	— — —
» » » » TR	x x —	— x	x x x	— — —
» » » » PTR	x x —	— x	x x x	— — —
» » » Facha HD	x x —	—	—	— — —
Lonas prim.	x x —	—	—	— — —
Lonas 2 e 3	x x —	—	—	— — —
Mantimentos				
Centeio de Riga	x —	—	—	—
Trigo	x —	x x x	—	—

«N.B. Os preços dos artigos acima se devem entender despachados, ou livres de Fretes e Direitos, segundo a prática desta praça; porque sendo vendidos para o Comprador os pagar, custão menos o valor delles. As Fazendas de Manufatura Inglesa pagão sómente 15 por 100».

Fonte: *Preços correntes dos géneros em grosso*, publicados na *Folha Mercantil da cidade do Porto, 1820*.

Legenda

x Preço base considerado (Janeiro 1820);
 — Descidas em relação ao Preço base

+ Subidas em relação ao Preço base
 0 Ausência na Tabela

QUADRO V
EXPORTADORES DA PRAÇA DO PORTO
QUE ENVIARAM GÉNEROS PARA A RÚSSIA EM 1820

Exportadores	Consignações	Açúcar	Cacau	Cortiça	Fruta	Vinho
A. & F. Van Zeller	1			x		x
António Ferreira Velho	1	x				x
Butler, Naylor & Comp.	1	x		x		x
C. & M. Guerner & Comp.	1			x		x
Cezario Julio Kunhardt	1	x				x
Henrique Lucas	1	x	x	x		x
Jeronymo Carneiro Giraldes	1			x		x
João António Gomes de Castro & F.	1			x	x	x
O'Neil, Morice & Comp.	3	x		x		x
Page & Noble	1	x		x	x	x
Swann, Knowsleys & Nassau	1	x		x		x
Wucherer & Rahm	1	x				

Legenda: *Folha mercantil da cidade do Porto — 1820*

Doc. 1

1820 Agosto, 2, Porto — Carta de Bento Alexandre de Oliveira Dias para António Bernardo Ferreira (1).

B) Arquivo Histórico A. A. Ferreira, *Copiador*, 1820, A.B.F.I., *cópia*, 300×213 mm, *cws*; regular.
(fl.) 91

Porto 2 d'Agosto de 1820
Regoa

S.^o Ant.^o Bd.^o Ferr.^a (1)

Tenho prez. (2) os seus favores de 28. e 30 do p. a q: vou responder. Quiz manifestar aqui as quatro pipas d'a/goa = ard.^{lc} q. me diz esta destilando e p.^a isto falei/ ao Brito, e elle me disse, q' o manifesto se fazia n'essa (3)/ao Commissario do destrito aonde se estão destilan/do as boras (4), dando-lhe as circunstancias da destila/ção. Hontem se escreveo p.^a Hamburgo, afim de se/ segurar as 50 pipas de V.^o (5) q. se carregão p.^a a Russia, /no Valor de 15\$000 Marcos Banco, quaze Rs (6) 5:000\$000 dan/do-lhe ordem de sacar sobre esta p.^{lo} valor do premio; / este V.^o precipia a carregar-se sabbado, e creio se/concluira na terça f.^a (7); paga de dirt.^{os} (8) por sahida, o/m.^{mo} q' o V.^o de feitoria, isto he 9\$00 l em pipa, mais/metal (9) do q' papel. Ofereci a sua Casa ao D.^o Vilela, q'/disse, se utilizaria d'ella pasados alguns dias. Reme/to os extratos da Caixa do Mez de Junho, e Julho, q. se/servirá mandar conferir, e avizar-me se estamos/conformes. Por intervenção do Am.^o (10), r.^{cc} (11) hontem/da Comp.^a (12) Rs 2.465\$780: este favor, nas atuais cir/constancias da Comp.^a, he grd.^c (13), e merece os seus a/gradecimt.^{os}; d'este d.^{to} (14) tirei quatro pipas d'Agôa=ard.^{lc}/p.^a os lotes do Armazem, q' hoje se prencepção, tendo/todo o mais em caixa, p.^a lhe remeter as 480\$ mt.^{al} (15) da/sua ordem, p.^a pagar os dirt.^{os} do V.^o p.^a a Russia, e/mais despezas d'obras da caza etc., a excepção de Rs papel 98\$ q' hontem imprestei ao amigo Joaq.^m Ribr.^o por 13 dias./ (fl. 92) E dos mt.^{al} Rs 14\$400 emprestados a tempos ao Clamossin (16), cuja participação lhe fiz qd.^o aqui esteve/

Sem mais motivo por hoje, sou etc.

Notas:

(1) António Bernardo Ferreira; (2) presente; (3) na Régua; (4) borras; (5) Vinho; (6) reis (moeda portuguesa); (7) feira; (8) direitos; (9) dinheiro em metal; (10) *Amigo*: forma habitual pela qual Bento Alexandre de Oliveira Dias, empregado no escritório do Porto de António Bernardo Ferreira (1), se referia a José Ferreira Borges, nesta data secretário da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro; (11) recebi; (12) a companhia referida na nota 10; (13) grande; (14) dinheiro; (15) metal; (16) Clamouse, comerciante da praça do Porto.

Doc. 2

Particular
1820 Agosto, 2, Porto — Carta de Bento Alexandre de Oliveira Dias para António Bernardo Ferreira (I).

B) Arquivo Histórico A. A. Ferreira, *Copiador*, 1820, A.B.F.L., *cópia*, 300×213 mm, *curs*; regular.
(fol. 92)

Porto 2 d'Agosto de 1820
Regoa

S.^{or} Ant.^o Bd.^o Ferr.^a (1)

Serve a prez.^o (2) de lhe participar, q' a Ill.^{ma} (3) Junta (4) assig/nou toda em data de 24 de mez pasado, a represen/tação p.^a S.M. (5) abulir o seu privilegio exclusivo p.^a os portos do Brasil, sedendo-o ella voluntariam.^{te} a benefício do Comercio; esta representação foi feita/p.^{to} Am.^o (6) e está hum chefe d'obra de sabias razões; unida a esta outra representação a S.M., dos/grd.^{es} (7) dirt.^{os} (8) q. o V.^o (9) paga athe entrar nos portos do/Brazil, sendo Rs (10) 26\$321 a maior parte em metal,/por pipa, rogando-lhe em nome do comercio q. 'ou modifique estes dirt.^{os}, ou augmente os dirt.^{os} aos/V.^{os} Estrangeiros p.^a os nossos poderem ter ali sahi/da: estas representações forão remetidas ao Sarmento Deputado p.^a as levar ao conhecim.^{to} de/S.M., rogando-lhe brevid.^{de} p.^a vêr se as respostas/chegão a tempo do novo juizo do Anno futuro;/tudo se fechou Domingo 30 do p. (11) e sahio a bordo do/Bregantim Estrella do Norte no dia 31 do p.; isto/me foi mostrado pelo Chiappe, a porta fechada na sacre/taria, e tenho a serteza de q' ninguem o sabe no Porto, / por isso rogo a Vm.^{ca} de o não dizer a ninguem so se/fôr a seu Mano, pedindo-lhe o maior segredo, / por não comprometer o delator. Sou etc.

Notas:

(1) António Bernardo Ferreira; (2) presente; (3) Ilustríssima; (4) junta do Governo do Reino; (5) Sua Majestade; (6) José Ferreira Borges — ver nota 10 do Doc. 1; (7) grandes; (8) direitos; (9) Vinho; (10) reis (moeda portuguesa); (11) passado.

Doc. 3

1820 Setembro, 1, Hamburgo — Conta de seguro de embarque de Vinho do Porto para a Russia.

1820 Dezbr.^o 1.^o

[no verso] Cópia da Ct.^a do seguro de/50 pipas carregadas p.^a S. Petresburgo no Navio Nort/gedagt. Cappt. P: H: Peperbo/on de Rs 204\$000

B) Arquivo Histórico A. A. Ferreira, 1820, A.B.F.I., cópia 200×102 mm, curs; regular. Cópia

Conta de seguro sobre 50 pipas de vinho carregadas pelo Snr' João Ferreira/Viana (1) do Porto pelo Navio Nortgedagt Cap.^{am} G; H: Peperboon do Porto/p.^a S.^{to} Petersburgo e seguradas por ordem do dito Snr.' — A S.^{cr} (2)

50 pipas de Vinho avaliadas, incluindo o premio do seguro em Rs (3) 15600

Rs 4600	assinadas	pela	3 ^a Comp. ^a do seguro de mar de 1815, P. ^c Rasper
3500	»	»	Comp. ^a de seguro de 1816 — Moraset
3500	»	»	5. ^a Comp. ^a de seguro do mar — Schwurger
4000	»	»	Nova 3 ^a Comp. ^a de seguro de 1816 — Duncker

Rs 15600 — ao premio de 3 p. C. ^{to} (4)	Rs 468\$000
Corretagem $\frac{1}{4}$ p C. ^{to} , apolice 12	51\$000
Com. ^{am} (5) — $\frac{1}{3}$ p C. ^{to}	52
Porte de Cartas	4\$800
s. C (6)	Rs 575\$800

Hamburgo em 1 de Setembro de 1820
(Assignado) Ehlers & Feuerheerd

Rs 575\$800 ao C. ^o (7) de 36 1/4 porque me saracão	203\$210
Porte da carta e C. ^{ta} R	\$790
Vence-se em 1. ^o Dez. ^{bro}	Rs 204\$00

Notas:

(1) despachante do Vinho de António Bernardo Ferreira; (2) A saber; (3) reis (moeda portuguesa) (4) por cento; (5) comissão; (6) sua conta; (7) cento.